

# O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens manus  
ad destinatum persequor, ad bravium  
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu

ID. 13. 14.

SUMMARIO:—Secção Religiosa: *A Caridade christã*, por P.—Secção Scientifica: *A aposentação do clero parochial em face do direito canonico*, por F. A.; *Estudos biblicos, As bellezas dos Psalmos*, por J. C. de Faria e Castro.—Secção critica: *Artes*, por Dom Antonio d'Almeida; *Um communicado de arromba*, pelo Padre Joaquim J. Soares; *A aposentação e o Monte-Pio do Clero*, pelo Padre Raynando.—Secção Illustrada: *A Caridade christã*, por R.—Secção Necrologica, por D. P.—Retrospecto da Quinzena, por M. F.—Bibliotheca Romantica, 2.<sup>a</sup> folha, *A Orphã*, versão de Mattos Ferreira.

Gravuras: *Caridade christã*.

## SECÇÃO RELIGIOSA

### A caridade christã

**S**AQUEIA em terra a singular theoria de Rousseau, que faz o objecto do celebre *Contracto social*, tão damninho ao bem-estar dos povos, e tão aplogiado ainda hoje por aquelles que odeiam as sanctas instituições do christianismo. quando a pômos em face das elevadas virtudes da religião revelada, desde Adão a Moyses, e desde o legislador do Sinai ao Messias promettido. Jamais se consegue desdar o laço sacratissimo que estreita entre si os varios membros da humanidade inteira. Como o sol para o mundo physico é o amor para as multiplices espheras do mundo moral: onde o amor se esvaece, superabundam as calamidades publicas, desenvolvem-se os cataclismos que aterrorizam os povos.

Nas paginas sanctas deixou nos o divino Salvador, que passou na terra fazendo o bem, abundancia de preceitos attinentes a esta virtude sublime entre suas irmãs. *Amai ao proximo como a vós mesmos; dou-vos um mandamento novo, e é que uns aos outros vos ameis do modo que eu vos tenho amado a vós.*

Não ha força que attinja prear a palavra de Deus, e estas de modo prodigioso se teem no decurso dos seculos manifestado em obras maravilhosas de amor.

Tabitha, insigne pelas esmolas que praticava, merece a resurreição por intermedio do Principe dos Apostolos; S. Paulo faz caminho de tres legoas para depôr no regaço dos pobres de Jerusalem o pão sollicitamente mendigado de porta em porta; em Alexandria, cada qual mais desveladamente, apressam-se os christãos a serem enfermeiros do scio do christianismo que surge a

idéa dos hospitaes, onde um sem conto de infelizes vão encontrar a vida, ou a morte suavizada, n'um leito confortavel, n'um alimento succulento, n'uns medicamentos sabiamente applicados: em 379 funda S. Basilio em Cesaréa abrigos d'esta natureza; em 400 estabelece-os em Roma a nobre dama Sancta Fabiola, escolhida pelo erudito Wiseman para assumpto d'uma de suas aprimoradas obras; em 407 S. João Chrysostomo dota a capital do Imperio Byzantino de tão bem ordenados hospitaes, que por largos seculos testificam a estremada caridade do piedoso prelado. S. João o Esmoler, patriarcha de Alexandria, foi por largos annos infavel providencia dos pobres do oriente. Chamava-lhes seus amos e senhores, e sustentava diariamente obra de setemil quinhentos, determinando que a todos se desse quanto precisassem. N'uma invasão dos persas contra a Syria e Palestina, uma nuvem de fugitivos acolheu-se á protecção do humanitario patriarcha, e todos obtiveram consolações como sob o tecto paternal. Invasões identicas dão motivo a equal procer de S. Leão, S. Ambrosio, Sancto Agostinho, e muitos outros bispos, luzes de seu seculo e amparos firmes da humanidade desprovida. E' S. Remigio, de Reims, quem primeiro lança os fundamentos a um estabelecimento de convertidas; S. Landri, em 650, funda em Paris o Hôtel-Dieu, cujas religiosas, no flagello que em 1348 invadiu a capital da França, caem quasi todas victimas de sua heroica dedicação pelos enfermos; o grande arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, senhor da mitra mais opulenta das Hespanhas, tanto acode em auxilios á pobreza, que vai ao extremo de dar a misera enxerga em que repousava, «dormindo, diz o seu talentoso chronista, aquella noite a somno solto e a todo seu sabor, que lhe pagaria Deus o somno que o cansaço da pregação e do caminho, e a tabua dura lhe tiravam, em altas e

celestiaes consolações, que é este o somno que sabe dar aos seus amados, mais delicioso que todos os da terra. O seculo XVII nobilita-se com Vicente de Paulo, o Anjo da Caridade, cujos beneficios em prol dos infelizes ninguem conseguirá determinar. A confraria para enfermos, creada por elle em Châtillon-en-Bresse, vai ser o berço d'uma das mais bemfazejas instituições memoradas nos annaes do mundo—a *Instituição das Irmãs de Caridade*. Qual a praia inhospita, qual o sertão ignoto, qual a nação da terra, onde não hajam apparecido essas creaturas angelicaes, de vestes pretas e toucas brancas, animando a infancia, amparando a velhice, consolando os enfermos, projectando tão amiude em almas entenebrecidas pelo vicio e pela descrença uma restea de luz celestial, dando a vida ao corpo, dando melhor vida ás almas? Leo Taxil, o convertido de nossos dias, escreveu uma obra importante acerca da influencia social das Irmãs de Caridade, obra digna de ser conhecida em todo o mundo, e d'ella resalta quanto heroismo, quanto abnegação, quanta humildade, se alberga debaixo d'aquelles habitos modestos, respeitados hoje onde haja uma dôr a dulcificar, (1) um desalento

(1) Perdoe-nos o illustrado Auctor. Ha ainda, infelizmente, excepções á generalidade da regra que pretende estabelecer. Nem em toda a parte são respeitadas as boas Irmãs da caridade. Quem percorre as nações estrangeiras cobre-se do pejo ao ver que Portugal é, n'este particular, o unico paiz selvagem, onde o clero e as Irmãs andam sujeitas as arrioidadas dos engravatados e não engravatados. Lá fóra, os funcionarios publicos curam da sua missão o nada mais; aqui, qualquer miseravel revisor ou carregador das vias ferreas é tambem insultador nato de toda a entidade que supponha mais ou menos emmembrada com a Egroja. Puderamos descer do abstracto ao concreto, mas a caridade obriga-nos por emquanto a parar aqui. Não deixemos contudo de apontar um facto, calculando os nomes por indulgencia para com os reus. Vinha de França, em setembro de 88, um sacerdote cruditissimo, o conhecedor do

a fortalecer, um erro a extirpar, uma miseria, emfim, a destruir. Com o nome de Deus no coração e nos lábios, o sorriso a pairar de continuo n'um rosto sereno, esquecidas da fraqueza do sexo pela confiança na fortaleza do céo, pondo de parte a familia, certas de que, sacrificando-se, podem para si e para ella conquistarem mais seguramente logar na bemaventurança, eil-as promptas a tudo quanto seja trabalho, sacrificio, dedicação. Bastara somente uma criação d'esta especie para de per si collocar a Igreja catholica á frente da quantas instituições benemerentes ha visto a face da terra. Que nos dão semelhante a isto as varias falsas religiões, as virtudes altruistas desenvolvidas pelas utopias da errada philosophia?

No seculo corrente avulta o nome de Dom Bosco, o humilde presbytero italiano, a quem um milhão de creanças devem carinhos paternaes e educação primorosa, tendo por futuro uma subsistencia segura, emanada do manancial inexaurivel do trabalho, em vez das perspectivas terriveis do crime, aonde as induzia a vagamundação de que a caridade christã as salvara.

As Conferencias de S. Vicente de Paulo são incunçaveis em percorrer os albergues, visitar os sotões imundos, trepar os ultimos andares, dando incessante caça á fera devoradora da miseria, aqunte continuo da indigencia, mormente nos tempos infelizes que atra-

bom numero de linguas europeas, incluindo o portuguez, cuja elegancia conheceu como o da lingua natã. Sempre acatado por toda a parte com as atunções devidas ao seu estado, quando na fronteira franco-hespanhola tomou o combato em Iran, foi, na carroagem para onde entrara, acolhido com má catadura e umas phrases que lhe magoaram o ouvido. Naquellas alturas, assombro foi para o bom sacerdote deparar com gente de tão larga feira; no entanto, como homem de educação e de paz, apressou-se a declarar em francez correctissimo, que se por ventura era motivo de incommodo para os transeuntes, promptamente passaria a outra carruagem. A delicadeza do padre subjogou os insultadores, e houveram por bem aquiescer á permanencia d'um companheiro, cuja presença facilmente dispensariam. Contudo, para deixarem correr á solta a linguagem, entraram a fallar o portuguez, sua lingua materna, o que fez com que o padre dissesse de si para si: *Sê sei por que a batina lhes fez especie; pertencem a um povo descivilizado...*

O facto é genuinamente historico, e muitos congeneres nos ficam de remissa para occasião a proposito. Esperamos contudo que a facilidade com que de presente se viaja pela Europa, sirva de ensejo a admirar-se lá fóra a liberdade com que o clero e membros das instituições religiosas se apresentam em toda a parte, não havendo que lustimarem-se umas quantas scenas degradantes, que tornam Portugal uma excepção vergonhosa em artigos de educação, fazendo-o descer a um nivel inferior ao dos caftres ou iroquezes.

M. F.

vessamos, quando os corações se obdurecem estuados pela *sicra famra auri* e por mal não meaos terrivel, o desenvolvimento anormal do luxo, manifestado na riqueza de moveis, na sumptuosidade de edificios, na profusão de atavios, nas delicadezas das eguarias, fazendo com que uma dama medianamente leviana dispenda em suas perfumidades de toucador, ou um peralta malbarate em charutos, quanto era assás para regular sustentação d'uma dezena de regentes.

Novo phenomeno do nosso seculo, nova benção do ceo, novo consóto aos que gemem e soffrem, as *l'másinhos dos Pobres*, sobragando o cabaz, sollicitas como a gallinha que rebusca o biscoito ao bandosinho implume, eil-as de praça em praça, de porta em porta, a instar perante o negociante na supplica d'uns retalhos sem valor para concesso d'uma calça ou d'um gibão, perante o merceeiro em cata d'um kilo de café, d'um bacalhau que se deteriora, d'uma manteiga a crear ranço, d'umas sacas que não tem valor e obstruem o armazem, perante a vendedeira de fructa, levando-lhe a que desconhecitua a tenenda; emfim perante todos fazendo-lhes o serviço relevante de alliviar os do bojo de que mal sabem desfazer-se, e que elias, as boas l'másinhos, verdadeiras andorinhas celestiaes, purificadoras do ambiente putrido dos povoados, la vão, tolas jubilosas e ageis, transformar, não em ouro como Midas, mas sim em agasalho e mantimento dos desprotegidos da fortuna, que são, ao mesmo tempo, as pupilas dos olhos do Altissimo, pois dispõe tão carovais dedicuções no intuito de aos que mais abandonados parecem patrocinar tão sollicita e generosamente.

Sõe no entanto a hora das calamidades publicas. Revõe no espaço o ecco detruidor dos esphacelamentos das communas de Paris, Alcoy ou Carthagenã; oscille a terra em convulsões medonhas como nos cataclismos da Andaluzia, Ischia e Nice; cresçam as inundações cobrindo as margens do Sagura, surribando os diques do Pó, tornando em ruinas as cidades de Szegedin, Pittsburg e Johnstonw; erga Deus o seu braço agoitando com o flagello do cholera os povos delinquentes, que o heroismo da caridade christã refulgirá como nunca, manifestando-se em dedicuções tanto mais distinctas quanto mais ampla e profunda é a chaga social que importa compressar.

É no entanto, a caridade, tanta vez sacrificio violento para a natureza humana, é levada a seu termo de modo tão suave, que assás patenteia quanto, por sobrenatural, a inspira e dirige a graça divina. «É alegria para quem a faz e a recebe: é, diz um moralista

nosso, um verdadeiro jubilo, na terra, para cuja felicidade concorre, e no ceo, que é a sua recompensa.»

*Quanto fizes ao mais pequeno dos meus, tenho-o como feito a mim; quem ama o proximo, tem cumprido toda a lei; se eu fallar as linguas dos anjos, se conhecer todos os mysterios e tiver toda a fé a ponto de transportar montanhas; e distribuir todos os meus bens no sustento dos pobres, se entregar o meu corpo ds chimmias, no entanto, a faltar-me a caridade, nada de tudo isso me aproveita.* Oh! estas palavras, que não faltam, eucendiarão perennemente os corações christãos, tornando este mundo de miserias uma escola da virtudes, entreajudando-se uns aos outros na empreza momentosa de caminhar sempre ávante nas veredas do ceo.

Certo é porém que esta virtude, a melhor entre tolas, encontra contradicção vigorosa n'um egoismo atroz que leva a inanição a muitos espiritos. Virtude, ha que fortalecer se nos alentos da fé, e a tantos vem cortar-lhes as energias a illusão dos sentidos que incita a procurar um bem fementido e ephemero na vida presente, bem conquistado sempre com dispendio de elementos constitutivos da caridade. Quando raiar pois o dia em que os homens, pusilamines para os actos da caridade, posterguem as difficuldades que lhes impecem o caminhar para Deus, e á imitação de tão avultado numero de intrepidos christãos, cooperem com elles em chegar aquella epocha feliz em que os pastores custodiam os rebanhos uns dos outros, os leões confraternizem com os cordeiros e a justiça e a paz se osculem amorosamente?

Oh! essa epocha revelará ao mundo assombrado o cumulo de felicidade que já na vida presença lhe fóra dado gozar, se os divinos artigos do Evangelho em vez de serem lei para um limitado numero, foram lei universalmente amada e cumprida.

P.

## SECÇÃO SCIENTIFICA

### A aposentação do clero parochial em face do direito canonico

(Continuado do n.º anterior)

II

**V**AMOS ao promettido confronto entre alguns artigos do projecto da aposentação do clero parochial, apresentado em cortes pelo sr. Ministro da justiça e as disposições do direito canonico, para que appareça com toda a clareza o

*espírito catholico* com que foi elaborado o projecto *beirense*.

O artigo 2.º resa assim:

«E' facultada a aposentação ordinaria:

1.º Aos parochos que tiverem completado setenta e cinco annos de idade, sem dependencia de qualquer outra condição para obtel-a.

2.º Aos parochos que contando mais de sessenta annos de idade e trinta de serviço effectivo, se mostrarem impossibilitados, phisica e moralmente, de continuarem no exercicio do ministerio parochial.

§. 1.º Se os parochos que estiverem nas circumstancias declaradas neste artigo não sollicitarem a aposentação, poderá o goverdo determinal-a, sobre parecer e proposta do Prelado da respectiva diocese.

§. 2.º Aos parochos aposentados nas condições referidas, serão concedidas pensões eguaes á importancia das suas congruas.

Art. 10.º Quando o parochos aposentado se recuse a renunciar voluntariamente o seu beneficio, ou não possa por qualquer circumstancia verificar a resignação, o Prelado diocesano o removera do exercicio do ministerio parochial, e nomeará para o substituir um encommendado, percebendo este a congrua arbitrada a respectiva igreja, e aquelle a pensão que lhe tiver sido concedida.»

Agora ponhamos em frente destes artigos as disposições do direito canonico acerca dos beneficios ecclesiasticos e dos requisitos indispensaveis que elle exige para a validade das resignações ou renuncias, e verificaremos: que ambos estes artigos estam em flagrante contradicção com a doutrina canonica, e que em face d'ella, nem o governo nem os Prelados podem obrigar os parochos a solicitar a aposentação, nem a acceital-a, nem os Bispos podem remover taes parochos do serviço parochial, nem mesmo nomear encommendados para taes egrejas.

III

Comecemos por definir o que é um beneficio ecclesiastico.

Os canonistas definem-no commumente assim:

«*Jus perpetuum percipiendi fructus ex bonis ecclesiasticis ratione spiritualis officii personae ecclesiasticae auctoritate Ecclesiae constitutum.*»

Os theologos costumam dar a seguinte definição, que na substancia vem a dizer o mesmo:

«*Jus perpetuum in ecclesia ministrandi auctoritate episcopi constitutum eum*

*annexo ac inseparabili jure percipiendi fructus ecclesiasticos.*»

Quer isto dizer que segundo os canonistas o beneficio consiste principalmente no direito de receber as rendas do beneficio, e segundo os theologos consiste principalmente no direito de ministrar, e accessoriamente no de receber os fructos.

Mas tanto estes como aquelles são concordes em ensinar, que é da essencia dos beneficios ecclesiasticos o *direito perpetuo* tanto de receber os fructos, como de desempenhar por si proprios os officios respectivos, que são da sua attribuição.

Ora, os parochos canonicamente instituidos são, não funcionarios do Estado (como parece inculcar o sr. Beirão,) mas verdadeiros beneficiados ecclesiasticos, e por conseguinte, segundo a doutrina canonica, assiste-lhes o *DIREITO PERPETUO*, não só de receberem elles proprios as rendas dos seus beneficios parochiaes, mas tambem o direito e o dever de exercitarem as funções parochiaes a elles inherentes, em quanto por meio de competente processo canonico e segundo as leis da Igreja, não forem julgados indignos de as exercer.

Ora, depois do projecto do sr. Beirão ser convertido em lei, como é muito provavel, não porque redunde em utilidade da Igreja, mas por que será mais um golpe profundo que a impiedade liberal descarrega sobre esta misera escrava das suas prepotencias satanicas, já o theologo e canonistas portuguezes não poderão dizer que beneficio ecclesiastico é *jusperpetuum*; porquanto acabará para os parochos o direito de desfructarem os beneficios parochiaes e de desempenharem as suas funções, quer queiram quer não, para uns aos setenta e cinco annos de idade, e para outros aos sessenta. Até agora, os parochos canonicamente instituidos, tinham em seu favor o direito perpetuo, que as sabias leis da Igreja lhes conferiam, que lhes garantia até a morte a posse tranquilla dos seus beneficios e de pastorearem os seus rebanhos. Aprouvado o projecto do sr. Beirão, já não será assim: terão de deixal-os á força, serão violentamente esbulhados das suas egrejas; outros irão substituil-os e desfructarão os beneficios que lhes pertenciam, e desempenharão as suas funções, recebendo elles a taxa marcada pela lei civil.

Até agora um parochos que amasse os seus freguezes, como devem amal-os todos os pastores, como seus filhos espirituaes que geraram para Jesus Christo, segundo a phrase do Apostolo, poderia ter a consolação de exalar o ultimo suspiro no meio dos seus queridos filhos espirituaes, e de ir juncto d'elles repousar as suas cinzas. Agora, quando

o projecto do muito alto e poderoso sr. Beirão, fôr convertido em lei, será forçoso, que no ultimo quartel da vida (os que chegarem á avanzada idade de 75 annos) passem pelos amargos transe de serem arrancados do seio dos seus caros filhos, no meio das lagrimas de mais sentida orfandade.

Sim, o direito canonico (como o declara o *cap. Praecepta 12 distinct. 55; CAP. Sanctorum, 2, distinct. 70; CAP. EX parte de clerico aegrotante etc.*, decretava que os beneficios ecclesiasticos e por conseguinte os parochiaes eram prepetuos, e agora o sr. Beirão do alto da sua omnipotencia ministerial declara que está resolvido a abolir o *anachronismo* da legislação canonica, substituindo-a por uma outra, que a synagoga parlamentar hade certamente approvar.

*Papam habemus ministrum Beirão!* Em vista disto, as leis geraes da Igreja, já não tem vigor em Portugal, e com a mesma auctoridade com que hoje se calca aos pés a lei canonica sobre um ponto tão importante, se podem amanhã ir abolindo outras leis canonicas, como já se tem feito, e substituindo-as por outras da lavra maçonico-liberal, até que, passados alguns annos, qualquer outro ministro prepotente elabore um projecto de lei ecclesiastico-portugueza, que determine, que o direito commum da Igreja já não tem vigor em Portugal, e fica substituido pela legislação civil, decretada no parlamento, e approvada por *S. M. Fidelissima*.

E era muito melhor assim: estrangulava-se d'uma vez para sempre a abjecta e vil escrava das prepotencias liberaes, a misera Igreja luzitana, e poupavam-na assim ao longo e cruel martyrio que já soffre ha mais de sessenta annos, durante os quaes o liberalismo impio a tem carregado sempre e cada vez mais de novas e cruciantes algemas, e tem reduzido a esse lastimoso e miserando estado, em que a vemos arrastando uma vida de opprobrio e vergonha eterna.

Mas o tal projecto não é só isto, vai ainda mais longe no seu furor de conculcar as leis da Igreja, como o demonstraremos no artigo seguinte.

F. A.

## Estudos biblicos

## As Bellezas dos Psalmos

(Continuado do n.º anterior)

Misericordias Domini in  
aeternum cantabo.  
Eu cantarei eternamente  
as misericordias do Senhor

PSALMO 88.

**A** OMNIPOTENCIA de Deus não podia achar sua formula mais perfeita como nas expressões do Salmo 113, *In exitu Israel de Egypto*, a saber: «Não a nós, Senhor, não a nós: mas ao teu nome dá a gloria. Para fazeres resplandecer a tua misericordia, e a tua verdade: para que nunca digam as nações: «Onde está o seu Deus?» Mas o nosso Deus está no ceo: tudo quanto quiz. fez. Os idolos das gentes não são mais que prata e ouro, obras de mãos de homens... Sejam semelhantes a elles os que os fazem: e todos os que conflam n'elles. A casa de Israel esperou no Senhor: elle é seu favorecedor e seu protector.»

Nunca a immensidade de Deus fôra expressada sob forma mais admiravel e dramatica, como n'esta passagem do salmo 138:

«De que modo me irei do teu Espirito? para onde fugirei da tua presença? Se subir ao ceo, tu alli te achas: se descer ao inferno, presente n'elle estás. Se tomar as azas da alva, e sôr habitar nas extremidades do mar, ainda lá me guiará a tua mão, e me sustera a tua dextra.

«E eu disse: «Talvez me occultarão as trevas: mas a noite converte-se em claridade para me descobrir entregue ás minhas delicias.» Porque as trevas não serão escuras para ti, e a noite será illuminada como o dia: como as trevas d'aquella, assim são tambem a luz d'este.» (v. 7-10).

Isto é de uma grandiosidade sem igual! Estas expressões tem passado por bellissimas aos olhos dos maiores genios.

Deus nem sempre é objecto de temor aos filhos d'Abrahão; testifica-o esta imagem de uma graciosa nitidez e suavidade:

Tu me guias, meu Deus! De que abundancia  
Gózo neste fertil prado,  
Cheio da fructos, flores, e fragrancia!  
Tu me levas com meu gado  
Junto do fresco e placido remanso,  
E chego ao patrio chão do meu descanso (1).

(1) *Paraphrase dos Psalmos*, pela mar-  
queza d'Alorna. 1838.

Isto é o começo do salmo 22: *Domini regit me, et nihil mihi deerit: in loco pascuae ibi me collocavit*: O Senhor me governa, e nada me faltará: em um logar de pastos alli me collocou: *Super aquam refectiois educavit me: animam meam convertit*: Elle me conduziu junto a uma agua de refeição: converteu a minha alma (1).

\* \* \*

Que arroubo de religioso fervor n'este principio do salmo 11: *Quare fremunt gentes, et populi meditati sunt inania?*

Que estrondo! que tumulto! Porque fremem As iracundas gentes furiosas?  
(O que intentão os povos meditando  
Designios vãos, caballos criminosas!  
Os Reis se aggregão, unem-se, conspirão,  
Contra Deus, contra Christo; deslumbrados  
Correm ao precipicio arrebatados.

... mas Deus, que nos Ceos mora  
Da louca audacia, placido escarnece,  
E o temerario plano desvanece.

Falla-lhes então, não ouvem, não se emendão,  
Até que o fim de colera se accende,  
Desata o seu furor, conturba a terra  
Cheio d'ira, taes erros reprehende (2).

«E agora, ó reis, entendei: instrui-vos, os que julgaes a terra: *Et nunc reges intelligite: erudimini qui judicatis terram* (3).»

\* \* \*

Como esquecer o salmo 129, aquella supplica pathetica do peccador á misericordia de Deus, da qual a Igreja fez as lamentações do adeus supremo: *Deprofundis clamavi ad te Domine*: «Desde o mais profundo clamei a ti, Senhor...» Nenhuma sublimidade poetica se pôde comparar com esta invocação:

«Senhor, ouve a minha voz: Estejam attentos os teus ouvidos á voz da minha deprecação. *Domina exaudi vocem meam: Fiant aures tue intendentes, in vocem deprecationis meae* (4)»

«Quererá o meu Deus, repellir-me eternamente? Não se moverá á compaixão? Acaso morrerá ab eterno a sua clemencia? Algemou elle a sua misericordia á sua ira?»

Esta poesia excede toda a poesia humana!

\* \* \*

Cumpre citar ainda aquella nobre canção guerreira do Salmo 109: *Dixit Dominus Domino meo; Sede à dextris meis*...

«Disse o Senhor ao meu Senhor: Sen-

- (1) Biblia Sagrada.  
(2) Marquesa d'Alorna.  
(3) Biblia Sagrada.  
(4) Biblia Sagrada.

ta-te á minha mão direita, até que ponha a teus inimigos por escabello de teus pés. De Sião fará o Senhor o scripto do teu poder: reina tu no meio de teus inimigos. Comtigo está o principio do dia da tua fortaleza entre os resplendores dos Santos: eu te gerei do seio antes do luzeiro... O Senhor está á tua direita, quebrantou os reis no dia da sua ira. Exercerá o seu juizo no meio das nações... (1)»

\* \* \*

E' a Deus, a Deus só, que David dá conta dos triumphos que o constituirá rei de Jerusalem, depois da revolta das dez tribus sob o commando de Séba. Eis aqui os clamores solemnes do seu agradecimento:

«O Senhor é meu rochedo, minha força e meu salvador. Deus é minha guarda, minha esperança, meu escudo, minha salvação, meu arrimo e meu refugio. «Louvando-o invocarei ao Senhor: e serei salvo de meus inimigos, porque me cercaram dores de morte: e torrentes de iniquidade me conturbaram. Elle inclinara os ceus, e descêra. Elle estendêra a mão das alturas, e me tomou e retirou do abysmo. O meu Deus! Tu serás sancto com o sancto, e serás innocente com o varão innocente: E com o escolhido escolhido serás; e serás perverso com o perverso. Porque tu salvarás ao povo humilde: e humilharás os olhos dos soberbos.

Vive o Senhor, e seja bendito o meu Deus, e seja exaltado o Deus da minha salvação.» (Salmo XVII).

\* \* \*

Foi principalmente no reinado de David que esta poesia lyrica florescêra. Segundo a ordem estabelecida por este rei, quatro mil cantores ou musicos escolhidos entre os levitas e repartidos em vinte quatro classes (2), debaixo da direcção de 288 directores, se succediam de semana em semana no serviço do templo; a unica occupação d'esta gente era, uma parte cantar os hymnos (3), outra acompanhar o canto por meio de diferentes especies de instrumentos.

Os seus chefes eram Asaph, Eman e Idithum, que parece terem igualmente composto alguns psalmos (4).

No proximo estudo, trataremos d'analyse dos hymnos que nos parece conter-se no Psalterio; e ao depois, das elegias, odes, acrosticos e rimas moraes.

O assumpto bem merece, pela sua

- (1) *Ibid.*  
(2) Paralip., XXIII.  
(3) *Ibid.* XV, 1-7.  
(4) II Paralip. XXIX, 80.

extrema seriedade, do nosso derradeiro esforço! sentindo sermos para a sua belleza e formosura, uma penna tão leiga como solta!

J. C. de Faria e Castro.

SECÇÃO CRITICA

Artes!

**R**enan disse: «que as Artes de viam muito ao claustro» e disse bem. O claustro e todas as outras instituições religiosas e pijs têm sido e são as primeiras protectoras das Artes.

Individuos as têm protegido também; mas não mais, nem tanto! A cabeça da protecção ás Artes é o Papado; e de pois, a protecção a ellas dáda, descendendo pela gerarchia ecclesiastica até ao cura de aldeia. e assim ás collectividades ou individualidades ecclesiasticas. Miguel Angelo e Raphael não teriam executado seus assombrosos trabalhos sem o Papado, cujo sópro protector fez realisar estes. A Egreja com sua propriedade glorificou a Deos, acudiu aos pobres, alliviou as Almas do Purgatorio, e ennobreceu as Artes, sendo mesmo uma parte notabilissima do cléro regular e secular insigne artista.

Mas o que é mais é que a mesma Egreja de Deos, sacrilegamente despojada de sua propriedade, ainda assim continua a proteger as Artes, não com os proprios recursos, pois que pelo sacrilegio lhe são tirados, mas pelas esmolas dos fieis! A restauração da Basilica de S. Paulo em Roma, o acabamento da Cathedral de Colonia, a edificação da Basilica de Montmartre em Paris, o revestimento da fachada do Domo de Florença, as novas cathedraes nos Estados-Unidos-Norte-Americanos, a columna da Immaculada Conceição na capital do Catholicismo, a reparação da Basilica de S. Lourenço na cidade dos Papas, os continuos trabalhos da fabrica dos mosaicos no Vaticano; a ampliação nos Estatutos do Monte-de-Piedade a favor das Artes e dos artistas, e feita por Pio IX; os monumentos de Lourdes, a restauração do templo de S. Jeronymo no Prado de Madrid, etc. etc. e as duas exposições em Roma sob a benção papal de Pio IX e de Leão XIII, sam todas taes provas vigorissimas testemunhas da protecção da Santa Egreja ás Artes, embora sacrilegamente empobrecida, pela usurpação de sua propriedade, a Esposa Mystica de Jesu-Christo, e com cuja mysticidade se conforma e harmonisa seu direito de propriedade! Empobrecida a Egreja Catholica por seus inimigos, mais ou menos declarados, é ESSA MESMA SANTA

EGREJA que ainda protege singularmente as Artes e dá por milhões o pão aos artistas pelas esmolas dos fieis com que é soccorrida.

Ainda depois de tanta ruina sacrilega, se os templos fossem fechados, os sanctuarios destruidos, ver-se-hiam as Artes desfallecidas e os artistas por milhares, milhares e milhares, famintos. Illa especialidades nas Artes, que só ou quasi só sam intentadas pela Egreja. Recentemente tambem houve cá em Portugal uma Exposição no Palacio Pomhal, ás Janellas Verdes, em Lisboa, resalta de maior quantia, mas não obstante riquissima em Arte, tendo feito sua muita e muito principal importancia os objectos de Arte Christã lá expostos, e devidos precipuamente á protecção da Egreja ás Artes. Foi mais um bom argumento! Sim, em prova do quanto as Artes devem ao Papado, ao Cléro Regular e Secular, á Egreja de Deos; antes, e depois que á mesma Sancta Egreja foi sacrilegamente usurpada sua propriedade. Ainda hoje (como será sempre) Artes e artistas sam synonymo de protegidos da Egreja Catholica. Sam monumentaes em grandeza e arte as Cathedraes na Inglaterra de construção catholica e depois nas mãos dos protestantes enquanto não voltam a ser nas mãos dos Catholicos; o Protestantismo nada fez que as igualasse, pois que a verdadeira inspiração da Arte está na Verdadeira Crênça. O Palacio de Crystal é grandioso, mas de uma grandeza da qual a cathedral de S. Paulo e outras cathedraes na Inglaterra riem! Como a vetusta obra dos monges Jeronymos de Belem na cidade de Lisboa, ria pela Arte e resistencia da obra nova no mesmo Monumento! O baso da Santa Egreja ás Artes, produziu essas maravilhas de piedade e arte, que têm assombrado os seculos; hoje o Modernismo produz les halles et les gares como disse ha pouco um bom analysador francez. Onde está a Verdade ahi estam Sciencia e Arte!

Estas sam guiadas e protegidas por Aquella; e é por isto que a Santa Egreja e suas instituições com sua sabedoria e amor pela Arte, protegeram, protegem e protegerão sempre as Artes!

Dom Antonio de Almeida.



Um communicado d'arromba

nes mezes já rodaram, depois que ouvi ler no «Seculo» um communicado soberbo, portentoso, capaz de espantar o mundo inteiro, se em todo o orbe fosse lido o jornal lisboeta!

Referia-se á freguezia que me viu nascer.

Nada, pois, mais natural para mim do que ter a attenção presa á leitura do communicado.

Estava elle tão bem escripto, achei-lhe tanta pilheria, que immediatamente pedi o «Seculo» para trasladar d'esta gazeta aquelle prodigio litterario.

Transcrevi o com bastante difficuldade, porque a minha vista, desde fevereiro, tem sido acremente castigada com o latego d'uma pertinaz doença. Ainda hoje faço algum esforço para mostrar aos leitores do «Progresso Catholico» quão alto é o valor da penna que escreveu o incomparavel communicado.

Os leitores conhecem os escriptos do visconde de Almeida Garrett, de Luiz Augusto Rebello da Silva, de Antonio Feliciano de Castilho e de Alexandre Herculano? Pois o communicado, que logo vão contemplar, é obra muito melhor, muito mais fina e apurada!

Os senhores Camillo Castello Branco, Padre Senna Freitas, Bernardino J. de Senna Freitas, Ayres de Gouveia, Alves Matheus, Luiz Maria Ramos, Alves Mendes, etc., não sabem fallar nem escrever a lingua de Camões... são uns pygmeus litterarios na presença d'este abalissadissimo mestre—o auctor do communicado!!

O communicado!...

Ah! Que elegancia nas palavras!...

Que elevação nos pensamentos!...

Que harmonia nos periodos!...

Que verdades!...

Que belleza!...

Inimitavel!...

Oh! Que dará de si, mais tarde, o homem que escreve assim?—disse eu com os meus botões.

Mas deixemos em paz a ironia.

Diz a sciencia astronomica que a terra dista, aproximadamente, do sol 30 milhões de leguas de 5 kilometros. Isto não é nada. O communicado, que vou apresentar aos olhos dos leitores, ainda se acha muito mais distante da grammatica, do senso commum e da verdade.

Eil-o com todos os pontos e virgulas:

Sr. Redactor:—Para que v. e o publico vejam o que é o benterio e o que são os janinas, peço o especial obsequio de publicar no seu muito lido e acreditado jornal a seguinte noticia:»

Não ha boa peça de musica sem introdução.

O communicado é uma peça musical, completamente desasturada, que podia passar muito bem sem introdução. O auctor, porém, quiz dar-lh'a, e não fez mal. Só por «especial obsequio» podia ser publicada tal peça. Outro jornal não lhe daria publicidade, e atiraria com ella para onde se costuma atirar com

os papeis inúteis; mas o «Seculo»... que é «muito lido e acreditado», estampou-a em suas columnas! E para que? Para subir de ponto o seu credito...

Pela introdução da peça se vê já claramente em que pelles vai bater o tamborileiro.

Segue a peça:

«Na freguezia do Padim da Graça, do concelho de Braga, vivia uma mãe com uma filha de 25 annos; empregando-se no mister de costureiras, a filha entregava-se muito ao beaterio, a ponto de confessar-se e communigar todos os dias, e passar a maior parte de tempo a rezar na igreja e em casa. Note-se que era ella que contava ao senhor abbade a vida de todos os seus parochianos, pois que andava em dia com tudo o que se passava».

Tomemos folego. A peça é tão des-harmoniosa que não se pôde ouvir d'uma assentada.

Para que mente assim, snr. rabiscador? Não sabe que «a mentira é o recurso das crianças, dos tolos e dos maus»? Não sabe que «mais depressa se apanha um mentiroso que um coxo»?

Realmente:

Quem não vê, nas primeiras linhas do communicado, um grande feixe de parvoçadas e mentiras, tamanhas como a torre Eiffel? São os leitores capazes de descobrir o costal da meada que o rabiscador ensarilhou?

«A filha, afirma o rabiscador, passava a MAIOR PARTE DO TEMPO a rezar na igreja e em casa»; gastava TEMPO em confessar-se «TODOS OS DIAS», e consumia TEMPO no «mister de costureira».

O individuo que ler estas asserções, diz immediatamente:—A filha não tinha TEMPO para fazer mais coisissima nenhuma.

Pois é um engano. A filha ainda tinha TEMPO para «andar EM DIA COM TUDO o que se passava», e ainda tinha TEMPO para «contar ao senhor abbade a vida DE TODOS OS SEUS PAROCHIANOS»!!

Uma filha excepcional!

Os demais filhos e filhas de Adão têm, nas zonas torrida e temperadas, dias naturaes de 24 horas. Mas a filha de que vimos fallando, segundo o toco dizer do escrevinhador, tinha sempre dias naturaes de 48 horas! E' porque não ha regra sem excepção. D'este facto extraordinario devem tomar nota os senhores chronologistas. E' uma excepção até hoje nunca vista, e, por isso, muito digna de ser apontada á posteridade.

E é de presumir que a filha excepcional, com as suas 48 horas diarias, ainda não tinha tempo bastante para effectuar tudo o que o rabiscador assevera.

Como se falta á verdade!

«Menti, menti sempre», ousava escrever Voltaire aos seus amigos. O rabiscador apega-se ás palavras nocivas

de Voltaire, e mente... mente... mente sempre.

Josephina Gomes da Silva (eis o nome da filha) não se confessava «todos os dias», nem commungava «todos os dias», nem passava «a maior parte do tempo a rezar na igreja e em casa», nem «contava ao senhor abbade a vida de seus parochianos», nem tinha 25 annos, mas sim 29.

A verdade é esta.

E agora, antes de passar avante, diga-se, sem papas na lingua, que o credito do «Seculo» e do seculario vai subindo...

Continua a peça:

«Ou fosse por cabeça d'ella (filha) ou por que o senhor abbade e outros a aconselhassem, o que é certo é que a rapariga hu pouco de dois mezes fugiu, abandonando a mãe, com 60 annos, quasi cega, para ir servir as boas... irmãs da caridade».

E' engraçadissima esta parte da peça. Se o rabiscador a dissesse perto d'um cadaver, veria uma coisa espantosa:—veria o cadaver resurgir e gargalhar estrondosamente.

Que grande cabeça d'unto!

Então o rabiscador não sabe se a «rapariga fugiu POR CABEÇA D'ELLA», se por conselho «do senhor abbade e outros», e atreve-se a herrar no communicado contra os jesuitas?! Isto só de um doido varrido! Muita gente tem levado palmatoada com menos causa.

E o periodiqueiro das duzias chama—jesuitas—a todos os padres, sem distincção, como se todos os padres pertencessem á ordem religiosa fundada por Sancto Ignacio de Loyola! Aprende esta doutrina na eschola do seu mestre—o «Seculo» que, por um grande telescopio que só elle tem, já viu um exercito de jesuitas nas altas e es carpadas montanhas da lua.

Para os inimigos da Igreja os jesuitas são todos os Religiosos, todos os padres, todos os catholicos, todos aquelles, em fim, que não caminham, com afoiteza, pela tortuosa estrada da impiedade. O «Seculo», porém, e os secularios morrerão, e ha de haver sempre jesuitismo até á consummação dos seculos, até á ultima das gerações.

Vamos ao mais.

Christo Senhor Nosso não nos prohibe que amemos nossos parentes. Mas «dada a occasião em que o amor de pae, mãe, etc., entre em competencia com o amor de nosso Deus, e que um d'elles haja de prevalecer ao outro, então devemos aborrecer nossos parentes com odio sancto, e conservar inviolavel a piedade para com o nosso Deus; isto é, devemos amar a Jesus Christo mais do que a nossos parentes, e do que o que temos de mais caro no mundo, que é a propria vida, e estarmos promptos a renunciar a todas as cou-

sas, se fôr necessario, para não nos afastarmos de nosso Creador. Que coisa mais justa? Não é isto aborrecer os parentes; é somente amal-os com amor subordinado ao amor que devemos a Deus; é dar a Deus a preferencia. E não a merecerá? Não seria uma impiedade preferir a Deus uma creatura? Que desordem mais flagrante? Que devemos nós aos parentes, que o não devamos a Deus?»

Ouçã o escrevinhador o que diz Christo no Evangelho:—*O que ama o pae, ou a mãe mais do que a mim, não é digno de mim: e o que ama o filho, ou a filha mais do que a mim, não é digno de mim.* (1)

A «rapariga» (de 29 annos!) sentia que Deus a chamava ao estado religioso. Supponha-se agora que a mãe não queria que ella abraçasse tal estado. Bastaria isto para que a «rapariga», contra a sua vocação, ficasse no mundo? Amava então a Deus com preferencia? Não.

Ignora o rabiscador que o individuo que não segue a sua vocação, está sempre, n'este valle de lagrimas, a remar contra a maré, e, por conseguinte, arriscado a cair em profundos abysmos? O rabiscador conhece isto por experiencia propria, pois que, não tendo vocação para periodiqueiro, mas para outro qualquer officio, escreveu um communicado que o «Seculo» publicou no dia 17 de abril do anno de 1889. Que aconteceu, porém? Veimos que o rabiscador tontea amiudadas vezes. E porque? Por não seguir a sua vocação.

E «o que é certo é que o senhor abbade de Padim da Graça e outros», podiam estar abastecidos de calçado bem feito e barato, porque se observam por toda a parte tantos... (*à bon entendeur il ne faut qu'une parole*—a bom entendedor meia palavra basta).

E «o que é certo» tambem é que o rabiscador não escrevinharia tantas ineptias, se tivesse um cabal conhecimento da doutrina christã. Um conselho, pois: Compre e estude a «Cartilha da doutrina christã, composta pelo abbade de Salamonde». E' um livrinho muito util e commodo. Custa-lhe, encadernado, a modica quantia de 100 reis. Não ha coisa mais barata. Aprenda n'esse livrinho quantos e quaes são os conselhos de Christo, pois que, a respeito d'elles, não catrapisca nem patavina.

E «o que é certo» ainda é que ninguem desconhece a malicia que encerra aquella reticencia empregada pelo periodiqueiro das duzias. Tudo corria ás mil maravilhas, se a «rapariga» deixasse a

(1) Qui amat patrem aut matrem plus quam me, non est me dignus: et qui amat filium aut filiam super me, non est me dignus. S. Math. cap. X. v. 37.



A CARIDADE CHRISTÃ

mãe para se entregar ao alcouce. Então os *bons... seculares* esfregariam as mãos de contentes; mas deixar a mãe para «servir» as irmãs da caridade...

Quem ler as palavras do escrevinhador julga que Josepha Gomes da Silva se escondia nas dobras do habito da penitencia, e seguiu o caminho encetado pelo Pobre d'Assis; julga que ella é hoje irmã da caridade. Não; a «rapariga» não é irmã da caridade. Está, «POR CABELLA», n'um asylo de Lisboa, e está lá satisfetissima.

Agora segue uma peta de marca G. Diz o rabiscador que a mãe da «rapariga» estava «quasi cega».

E' grande mentira. Então não disse, ha pouco, o rabiscador que a mãe «se empregava no mister de costureira»? E como se havia de empregar n'este mister, estando «quasi cega»? O escrevinhador pensa que a mãe somente cozia panno de tomentos de espadella? A mãe trabalhava perfeitamente em linho finissimo, chita, etc.

Embora... estava «quasi cega», affirma o rabiscador todo inchado! Quantos desconchavos!...

Agora... a verdade: A mãe da «rapariga» usava de oculos, quando trabalhava. Ora se todas as pessoas que usam de oculos estão quasi cegas, poucos são os individuos que vêem *alguma coisinha*. Temos meio mundo cego com cegueira nos olhos, e perto de outro meio cego com cegueira no espirito... Veja o rabiscador se isto é admittivel no ultimo quartel do seculo das luzes.

E «o que é certo» é que o credito do «Seculo» e do *seculo* vai *subindo* como o chumbo na agua.

A peça continua assim:

«A mãe desgostosa escreveu varias vezes á filha para que a viesse ver, pois que estava doente, mas não obteve resposta, até que finalmente a mãe, ha oito dias morreu, sem dizer o ultimo adeus a sua filha!»

Oh! que ternos lamentos sahem agora da penna do rabiscador! O periodico deplora o passamento da mãe, porque ella morreu «sem dizer o ultimo adeus a sua filha!»

Nunca se deu facto igual; e é por isso que o auctor do communicado, pessoa de *raros sentimentos*, empregou um ponto de admiração. Ah! Se o rabiscador encontrasse na gaveta tantas libras, quantas as mães que morrem «sem dizer o ultimo adeus a seus filhos»...

Que almas tão compassivas! Que la grimas de crocodilo!

«Se a sinceridade podesse por um momento consentir que fossem revelados os verdadeiros fins a que miram tão compassivas almas; se podessem por um momento deixar cahir a mascara com que escondem suas ten-

dencias, a franqueza os levaria a confessar, que quem os move não é o amor da familia, mas sim a aversão ás instituições e ás praticas onde sobressahem sentimentos em que predomina a religião.

«Mas onde está egual zelo, onde estão as sentidas lamurias pela familia, o sentimentalismo pela piedade filial ou paternal offendida, quando as mulheres são arrastadas para outro caminho opposto?»

«Quer se impedir o livre exercicio de uma vocação toda inspirada por sentimentos piedosos; ahí toda a restrição ao beaterio. Abra-se porém o livro da matricula; ahí é livre o profesar, e em vergar as vestes do prostíbulo. Interve nha a acção e a sanção official. Escrevem-se os livros de registro; recebiam-se sem impedimento os nomes incriptos; estabeleçam-se as tarifas do arrolamento. Dê-se praça a toda a mulher que pretenda arregimentar-se n'essa milicia *tolerada*. Ninguem se afflige com a matricula, nem com seus livros. Nem com seus resultados. Tudo fica ahí estabelecido sem lastima nem opposição, já como escripturação, estatística e preceito, já como systema da melhor formação de familia. Ahí não ha o perigos que resultam para as actuaes mulheres, de terem contacto com as irmãs da caridade.....»

«Podem todas essas desgraçadas, que perderam todas as parcelas da moralidade e do pudor, agglomerar-se nos lupanares seduzidas pelas matronas que não cheiram a beaterio, podem contar que a lei as protege e as escuda no seu infeliz mister, logo que tenham satisfeito ás tarifas e formalidades da matricula, e que fiquem recenseadas para pagar tanto de decima pessoal ou *industrial*.

«Onde ficam os sentimentalistas que peçam vigilancia e rigores; onde estão os queixumes por ver ameaçada a segurança moral da sociedade?»

«Nada. O pranto hypocrita pelos males da familia, já não corre pelo rosto dos que não se importam com os males que corroem a sociedade pela base, e ao mesmo tempo guerream tudo quanto seja tendente a moderar o effeito de taes males!»

O rabiscador affirma, com o descaro proprio de um arlequim, que «a mãe escreveu varias vezes á filha para que a viesse ver, pois que estava doente, mas não obteve resposta».

E' mentira. Como havia a mãe de «obter resposta», se nunca escreveu á filha? Se a mãe («quasi cega») lhe escrevesse e lhe fosse entregue a carta, a filha viria então á sua terra natal, porque d'isso a não impedia a direcção do asylo onde está. Mas a mãe não lhe escreveu.

Collige-se do exposto, que o credito do «Seculo» e *seculo* vai *crescendo* desmedidamente.

Appareça agora a cauda da peça:

«Aqui tem, senhor redactor, o que são os padres e os conselhos que elles dão. E ainda ha gente que vae ajoelhar-se-lhes nos pés! — *l'm seu leitor*».

Aqui têm os bons leitores as palefices, asnidades e mentiras, que se têm no «Seculo», e que foram *habilitamente* rabiscadas por um *seculo* ignorante.

Admira-se o escrevinhador de «ainda haver gente» que se confesse! Eu não me admiro d'isso, porque enton-lo que só a «gente» se confessa: quem não é «gente»...

Admiro-me, sim, de haver um pedante que não sabe se a «rapariga fugiu POR CABELLA», se por conselho do «senhor abbade e outros», e venha agora dizer: — «Aqui tem, senhor redactor, o que são os padres, e os conselhos que elles dão». Isto, sim; isto é que admira.

E estes impiozinhos de meia tigela nem sequer sabem o que seus paes — Calvino, Luthero, Planck, J. J. Rousseau, Leibniz, Voltaire, etc. — escreveram acerca da confissão.

Uma amostra. Ouça o rabiscador a Voltaire.

Disse elle: «A confissão é uma instituição divina, que só teve principio na misericordia infinita do seu auctor». (Obras de Voltaire, Edic. de Kehl, em 12, publicada por Beaumarchais, T. 34, p. 306.)

Disse mais: «Ella é admiravelmente calculada para dispôr ao perdão os corações ulcerados pelo odio, e para determinar á restituição os que em alguma cousa defraudaram o proximo». (Dicc. Philosoph., art. *Cathecismo do cura*.)

Disse ainda: «Um dos bens que promove a confissão é o de obter difficilidades restituções, e se este remedio salutar se converte algumas vezes em veneno é pela malicia dos homens». (Obras de Voltaire, Edic. de Kehl em — 12, T. 49, p. 414.)

Ora «aqui tem» o rabiscador algumas palavras de Voltaire a respeito da confissão. Não gostou?... Attenda... attenda ás palavras de seu pae, e... cale o bico.

Terminemos pelos seguintes versos do snr. Joaquim P. de Sousa Machado, que vêm a proposito:

Qualquer trolha ou sapateiro  
Sojo, pôreo, remendão,  
E' hoje periodicoeiro,  
Na politica um pimpão!  
E' litterato de papo!  
E censor que o seu sopapo  
Dá no mais bem reputado,



Sem tom, sem geito e sem graça!  
Meu Deus! meu Deus! que desgraça!  
O mundo está desgraçado!

Padim da Graça—Agosto de 1889.

Padre Joaquim J. Soares.

A aposentação e o Monte-Pio do Clero

(Continuado do n.º 19)

VII

Acaba o governo de fazer ao Monte-Pio, a concessão do extinto convento de Santa Martha, para n'elle estabelecer asylo, hospital e albergue.

Vão já começar obras, e em breve trecho abrir-se-ha o albergue, destinado a receber prelados e clero do reino e ultramar.

A direcção dos trabalhos está confiada a um ecclesiastico muito competente, emprehendedor e activo.

Com a acreditada casa Roza Araujo, se contratou já todo o fornecimento para mesa, enquanto no albergue não estiver montado o serviço de cozinha.

Muito vizinho da Avenida da Liberdade, ficará bastantemente central, para o clero que á capital tenha de ir tratar de seus negocios.

Destinado unicamente a ecclesiasticos, poderá tambem o clero procural-o certo de encontrar, com o bom serviço, uma concorrência nada suspeita. Nem lhe fallará n'essa concorrência, ensejo de molde a adquirir estas relações para exercicio do seu munus.

Encontrará tambem mesa com oração, e sem *menu*, que o coustranja a constituir-se excepção notada, entre jactanciosos violadores dos preceitos da Igreja, e gente mais ou menos cortez e... espirituosa!

*Espirituosa principalmente!...*

Para celebrar, não terão os ecclesiasticos de palmillar distancias, nem que sair do proprio albergue. E aquelles que possam dispôr de tempo, não deixarão de ter ensejo de ser procurados com convite, para exercerem as ordens, em actos religiosos.

Agentes de serviços funebres e empregados de igreja terão, no albergue, probabilidade de provêr de remedio a tanta difficuldade, em que a escassez do clero os constitue.

Para superintender no asylo, albergue, e refeitório e officinas d'este dependentes, pensa a Meza em chamar tres irmãos *portuguezes* da ordem *portuguesa* de S. João de Deus.

A Meza não duvida da competencia de profanos, para estes cargos; mas confia principalmente no zelo, fidelida-

de e isempção dos regulares d'aquella ordem.

N'um instituto de caridade, como este, são-lhe indispensaveis empregados absolutamente dedicados, sob pena da mesma Meza não poder innocentar-se de responsabilidades, que a sua consciencia e toda a *Irmandade* possa arguir-lhe.

Determinou a Meza igualmente instalar quanto antes a *Officina de S. José*, no edificio que acaba de ser-lhe concedido. E pensa em entrar em ajustes com o Seminario de Sernache de Bomjardim, ou com o governo, para poder receber e alimentar os missionarios, que das colonias tenham de vir á metropole.

Para todas as applicações que lhe vão dar,—convem que todo o clero saiba,—offerece o convento de Santa Martha proprias e vastas accomodações.

As suas condições hygienicas são das melhores tambem.

A' intelligente iniciativa, pois, e a incansavel actividade dos fundadores e do actual corpo gerente do Monte-Pio ou *Irmandade dos Clerigos Pobres* não denegue todo o clero portuguez o tributo do seu reconhecimento e da sua facil cooperação.

Pede-lh'o inludivelmente o seu interesse e o decoro da honrosa classe, a que pertence.

Mais do que todas as providencias dos poderes publicos, desde tempos archaicos, tem o Monte-Pio emprehendido, e feito em obsequio da casta sacerdotal.

Por essa guisa ajudará tambem a provar aos governos, quão facil pode ser, dar a nossos pedidos uma solução satisfatoria e consoante as necessidades da epoca. Tão facil que quasi nem terão de crear receita.

O clero do ultramar não menos deixará de escutar o appello do Monte-Pio, nem de o credenciar com toda a sua confiança.

Onde ha oceanos que possam intervallar, por distancias invenciveis, mãos que se estendam e apertem, n'uma aliança de protecção?!

E' mister que não toque ao clero, apenas o *labor et dolor*.

Padre Raymundo.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Caridade christã

(Vid. p. 243)

Para a descripção d'esta gravura seja assás quanto o nosso amavel collaborador P. se dignou expender no

primeiro artigo do presente n.º Vejam-o os leitores, que piamente cremos terão motivos para ficarem por completo satisfeitos.

R.

SECÇÃO NECROLOGICA



ESTÁ de luto a nossa assignante, a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Ady de Wanzeller. Na madrugada de 5 do corrente, depois de recebidos todos os Sacramentos, falleceu-lhe em Cintra, seu pae, o sr. Eduardo de Wanzeller.

Era cavalheiro de excellentes qualidades e catholico convicto.

Os seus funeraes foram muito concorridos.

Sua ex.<sup>ma</sup> familia recebeu testemunhos de grande consideração pelo finado.

Septima die, S. ex.<sup>a</sup> o senhor Nuncio Apostolico, amigo dedicado do fallecido, foi resar-lhe missa por alma, na igreja de Santa Maria.

Essa missa não foi menos concorrida do que a dita *presente corpore*.

Multidão enorme enchia o templo. A presença da familia arrojada, a severidade do ornato da igreja, o apparatus da missa celebrada por uma tão alta dignidade, e o silencio dos assistentes, imprimiram áquelle acto religioso, um cunho de magestade unica e tocante.

Vimos no templo grande numero de titulares, notabilidades da politica, da sciencia, das letras, commercio, etc. etc.

Por lutarmos com falta de espaços deixámos de dar uma lista de nome, da maior parte das damas e cavalheiros, que, de Cintra, Lisboa e outras terras, concorreram expressamente áquelle acto piedoso.

Pedimos as preces dos nossos assignantes e leitores, para o finado.

E que elle descanse em paz.

Outro assignante da nossa Revista, o snr. Antonio Gonçalves, de S. Thyago d'Andrães, verga ao presente sob a gravissima dôr da perda d'um sobrinho idolatrado, a quem a morte arrebatou, na primavera da vida, após o curto padecimento de 16 dias.

Amparo unico de mãe viuva, esperança de todos que lhe estavam unidos por laços de parentesco, eil-o tão cedo

inanimado no pó da sepultura! Quem ha de fiar-se n'esta vida tão fugaz, que desaparece n'um momento, impossivel de antecipadamente se determinar?

Orem nossos leitores pelo descanso do fallecido, e consolem se seu digno tio e atribulada mãe, na esperança de que a morte dos justos, outhorgada pela Providencia áquelle cuja ausencia pranteiam, é motivo para o crerem mais feliz que na terra e mais prestimoso para os seus, implorando sobre elles bençãos abundantes do Altissimo.

D. P.

## RETROSPECTO DA QUINZENA

*Do Vaticano.*—Os jornaes italianos hostis á Sancta Sé, continuam a diffundir a mentirosa noticia da precaria saude do Sancto Padre. Procedem exactissimamente como no tempo do sempre inolvidavel Pio IX, a quem por muitas vezes deram por doente E ATÉ POR MORTO! Para os taes, o Papa é realmente um terrivel pezadelo, e d'ahi o passarem a mão pela frente a enxotarem a idéa sinistra, a clamarem: *Não ha Papa.*

Mas ha; hade haver em quanto houver mundo, e se a idéa os aterroriza, melhor é irem-se harmonizando com ella, para que não levem vida tão negligada.

O Papa existe, o Papa que felizmente preside aos destinos da Igreja, goza de saude excellente e revela tal vivacidade e lucidez de intelligencia que assombra a quantos teem a ventura de serem admittidos á sua presença. Graças pois á divina Providencia, que alegra os corações dos fleis com tão visível protecção áquelle que na terra veneram como pae commum e visível representante de Christo. Bem o querem inferno a *Italia*, a *Fanfulla* e a *Tribuna*, mas não conseguem seu intento: Tambem quizeramos que as tres folhecas do liberalismo se convertessem a melhor sentir e vemos malogrados nossos desejos. Curta pois cada qual sua magua, e viva o Papa, e apesar de tal não quererem os representantes da imprensa cripina, que, se não erra o *Journal des Débats*, soffreu por tabella uma carambola de pouco agrado: em 48 a Hespanha, a Baviera, a Austria, as mesmas Inglaterra e Prussia, bem que protestantes, offereceram guarida ao Sancto Padre, em face dos disturbios revolucionarios que então agitavam a capital do mundo christão. Hoje, a nação que mais se tem pronunciado, apesar da quesilia da imprensa livre-pensadeira, que de assustada clama: *Cuenta! españoles, cuenta! Corremos los más grandes riesgos!* é sem duvida

a nossa cavalheirosa visinha. Consta porém, no dizer dos *Débats*, que o embaixador d'Austria em Madrid, a rôgo do governo italiano, instou perante a rainha regente para que usasse de todo o seu poder asim de evitar a vinda do soberano Pontífice para qualquer ponto de Hespanha. Se o Sancto Padre está tão bem no Vaticano, como dizem os italianissimos! Vemos pois que os caudilhos de Humberto querem angustiar quanto lhes apraz o venerando prisioneiro do Vaticano, mas todos se enraivavam se elle abandona o carcere. Este abandono será um facto momentoso na historia da Italia, e o ultimo, o da brecha da Porta-Pia, tem-nos mettido em tão impertinentes apêrtos, que se arreceiam grandemente de complicações mais sérias. Para lhes obviar chegam, coitados! a levantar deante do sancto Padre a ameaça d'uma scisma, sem se lembrarem que a effectividade d'elle carrearia ao proprio poder temporal terribilissimas consequencias.

*Lourdes.*—O centenário da Revolução alegrou a Satanaz: as manifestações religiosas em protesto contra um centenário, que, pelo facto que commemora, é um insulto á divindade, faz exultar no céu todos os bemaventurados e na terra os corações de quantos amam a Christo e seguem Christo. A sagração do magestoso templo do Rosario, tempo com espaço para conter 40:000 a 50:000 pessoas, levado a cabo no curto prazo de 5 annos, foi a prova mais indiscutível da exuberancia de vida que manifesta no mundo catholico. Os do nativos alluiram alli expontaneamente de todas as partes do mundo, sem ter que exercer-se a menor pressão sobre os dedicados contribuintes que tiveram a honra de cooperar com Deus n'aquella obra que quasi poderamos chamar celestial.

Quatorze comboios extraordinarios levavam diariamente áquelle abençoado paraíso os peregrinos da França e do mundo, congregados alli para entoar unisonos a saudação de Gabriel: AVE, AVE, AVE MARIA!

As peregrinações imponentes de Albi, Castres, Beziers, Carcassone, Cambrai, Angers, Montauban, Sore e Aignan; a presença de 12 prelados presididos por Monsenhor Richard, Cardeal-Arcebispo de Pariz; a concorrência de 1:500 sacerdotes; um mar de fleis, todos piedosos e crentes, fortalecidos com o Maná eucharistico; a ordem que se via em tudo e em todos; o fervor pintado no rosto de cada um; as lagrimas consoladoras inundando a muitos; a ausencia completa de respeitos humanos, vendo-se cada peregrino com a sua divisa, cada dama com seu rosario de

grossas contas lançado ao pescoço ou pendente da cintura, todos de terço na mão, elevando unisonos a voz em canticos melodiosos ou em preces vehementes; oh! este conjuncto de bellezas, ás margens do Gave, n'uma planície encantadora, n'um recinto de montanhas que se elevam graciosamente a tocarem as nuvens; ás portas d'aquelle santuario magestoso, do qual cada pedra é uma solemne manifestação de fé; juncto á rocha sagrada, onde cada um parece estar vendo, não já a esttua formosa de Fabisch, mas a propria *Immaculada Conceição*, que ha 31 annos alli se dignou parar estendendo a Mão salvadora á humanidade transviada, ah! tudo isto leva-nos a clamar que se após o peccado original, desapareceu da face da terra o eden primitivo, Aquella que possuiu virtude assás para a Si fazer inclinar a Divindade, dignou se, n'um assomo incomprehensivel de misericordia, vir apontar-nos esse paraíso que se perdera, e a elle acodem hoje de todos os angulos da terra, com a ancia com que se demanda a patria, com que se procuram os encantos do tecto paterno, após amargurosa e dilatada ausencia! *Hodie melliflui facti sunt caeli.*

Que harmonioso conjuncto architectonico formado pela Igreja do Rosario, Crypta e Basilica? diziam todos que tão impressionadoras bellezas não podiam ter ido a cabo, sem que a Sanctissima Virgem directamente influísse na mente do architecto, para delinear obra que tão violenta e suavemente arrebatava os sentidos do espectador. A Igreja do Rosario, sobre tudo, era legitimo assumpto da curiosidade dos fleis: tocava-lhe seu momento de triumpho. Quando se emprehendeu a eracção d'este amplissimo monumento, tinha-se em mira preparar abrigo onde tivessem acolhida os fleis nos dias de maior agglomeração, e eis que esse abrigo faltava, porque os ambitos do templo não comportavam o numero incalculavel de concorrentes, vindos a acclamar a Virgem do Rosario! Houve pois que armar-se altar no peristilo do templo, acampando-se os assistentes na dilatada rotunda que lhe fica fronteira.

Foi um dia de triumpho para Nossa Senhora de Lourdes e de consolações inexcitaveis para todos os seus filhos. Em 40 altares se celebraram missas desde a meia noite até ao meio dia, soffrendo varios sacerdotes a magua de não celebrarem por falta de vez. Quem poderia avaliar o numero das commuhões? Tres sacrarios viam-se constantemente abertos, dos quaes cinco sacerdotes, ao mesmo tempo, vezados de quando em quando, distribuiam o Pão dos Anjos, não falando no incalculavel numero de fleis, que commungavam

nos varios altares lateraes. E' de crer que em parte nenhuma do mundo se tenha contemplado tão magestoso espectáculo, notando-se por toda a parte, a despeito do apêrto continuado, um silencio, um acatamento, uma piedade, um fervor, que a custo pôde sentir-se, quanto mais descrever-se. *Quero que venha aqui muita gente; quero que se fuçam aqui procissões*, disse a Virgem Sancta á bemaventurada Bernardette nas Apparições de 1858: o dia 7 d'agosto de 1889 foi por certo uma plenissima realisação dos desejos da Rainha dos céos. Ao seu appello corresponderam lealmente os corações generosos do mundo inteiro (1).

O templo do Rosario foi benzido pelo Ex.<sup>mo</sup> Arcebispo d'Auch, em nome de S. S. o Papa Leão XIII.

De vespera tinha orado Monsenhor Cattaui, bispo de Luçon; na solemnidade do dia 7, coube o discurso principal a Monsenhor Bourret, bispo de Rodez e Yabres, um dos melhores ornamentos do pulpito francez, que no meio da attenção geral d'um numerosissimo auditorio, falou das glorias de Maria e das glorias da Igreja com tão elevada eloquencia, que por vezes repetidas houve que suspender o discurso, para deixar livre a expansão dos fleis, manifestada em salvas entusiasticas de palmas.

Varios milagres se realisaram n'este dia, como significando a cooperação de Deus e dos homens n'esta festa esplendida, que apenas será excedida pelas que se fazem no céu.

A' noite, a procissão parecia a engendração portentosa d'um sonho, não um acto que se estava realisando. Um prelado que tem assistido a muitas solemnidades em Lourdes, affirmava já mais ter presenciado cerimonia parecida com esta.

Podemos expressar-nos com uma das piedosas peregrinas de Lourdes: «Não sabemos o que a Sancta Virgem reserva aos seus filhos na outra vida, é certo porém que se não houvesse outro céu além do de Lourdes, este seria bastante». Outra, no meio de seus entusiasmos, protestava nada mais querer no mundo, que tinha visto quanto n'elle pode haver de mais imponente.

No dia 8 houve ainda varias ceremonias, todas edificantes, orando Mouse

(1) Viam-se n'esta occasião em Lourdes representantes de todas as nações. Portugal contava poucos, mas para cima de 25 prestaram n'aquella occasião homenagem á Virgem de Mtsabidelle, ficando alli uma lapide com memorativa da sua passagem. No dia 8, de manhã, era baptisado na Basilica, com agua da Grutta, o filhinho d'um indio, cheio de piedade, que com sua esposa tinha vindo, á similhaça dos reis magos, prestar n'aquelle sitio abençoado, homenagem á Virgem que foi digna de offerecer o asio para berço do Homem Deus.

nhor Berchiolla, arcebispo de Cagliari, primaz da Sardenha e Monsenhor Deniel, bispo de Arras.

*Aviso ao clero portuguez.*—Do excelente collega *A Ordem* extractamos o seguinte:

Para conhecimento dos rev.<sup>mos</sup> Padres que deram o seu nome para a *Pia União de S. Francisco de Sales para os Exercícios Espirituaes do clero* se lhes participa que S. S. Leão XIII se dignou approvar esta obra por um breve Apostolico, concedendo aos aggregados tres indulgencias plenarias:—nos dias da entrada e de S. Francisco de Sales, e na hora da morte, mediante as condições costumadas na Igreja. Conceden-lhes tambem a graça de altar privilegiado pessoal, quando celebrarem missa por alma de qualquer consocio fallecido; e o poderem licitamente rezar Matinas e Laudes, para o dia seguinte, ás 2 horas da tarde.

Outrosim se avisa aos rev.<sup>mos</sup> Padres que desejem fazer os seus Exercícios no presente anno, que os haverá:

Em Braga, a começar em 16 de setembro, 14 de outubro e 11 de novembro;

Em Lamego a começar em 19 d'agosto; e

Em Lisboa, a começar em 9 de setembro.

Os srs. ecclesiasticos que queiram ir a Braga ou a Lisboa, dirigir-se hão ao rev.<sup>mo</sup> Padre Joaquim Manuel Marques Pinho—Azylo de Villar—Porto, que lhes fornecerá as informações que desejarem; os que preferir ir a Lamego, melhor será dirigirem se ao rev.<sup>mo</sup> Padre Luiz Neves, secretario da Comissão promotora, Seminario de LAMEGO.

Porto, 10 de agosto de 1889.

*Padre Illilio J. V. da Costa*

*Eleições de deputados.*—São em 13 do futuro outubro. De novo vai o povo portuguez exercer um direito que lhe outhorga a constituição do paiz, cujo desempenho tão mau resultado ha produzido, que assás se teem manifestado as grandissimas imperfeições da execução de tal direito. Condemnado em theoria, condemnado na pratica semi-lhante systema de eleições, até quando será castigo deixado pela Providencia sobre os povos onde vigora o liberalismo? Oxalá não seja por muito.

No entanto, para diminuir o mal de tão pernicioso systema, esforcem-se os votantes por eleger com liberdade, independencia, consciencia e conhecimento de pessoa. O voto é o acto de maior responsabilidade que o cidadão pôde exercer na sua qualidade de cidadão:

tem por fim instituir um mandatario, que dispõe de maiores poderes que o mandante, e quando abuse do mandato, não pôde o mandante caçar-lhe os poderes de que o investiu. E' pois o voto um acto que exige maxima circumspecção.

Ao clero cumpre elucidar rectamente o povo n'este ponto: em face das relações entre a Igreja e o Estado, quem não vê quanto as exorbitancias do Estado estão dependentes da votação?

A França, que dos principios de 89 extrahi o liberalismo, está nos dando o exemplo de se combater o liberalismo: o clero alli vai preponderando assás nas eleições, e organisa-se para preponderar mais. Portugal que vai no encalço da França em tudo quanto é mau, melhor fará em a seguir no que é bom.

Deputados christãos, christãos ás direitas, christãos praticos, obedientes a Roma, obedientes ao Papa, eis tudo. Quem odeia a Deus, odeia a patria; quem ama a Deus, ama a patria. O amor de Deus envolve o amor da patria, como o todo contem a parte, como a premissa maior contem a menor.

Procure se, de fonte segura, conhecer as qualidades religiosas e moraes do candidato, e se ellas tranquillizam quanto baste, concedamos-lhe nosso voto: bom serviço faremos á patria que a nós nos aproveitará tambem.

*A estatua a José Estevão.*—Aveiro pagou uma divida d'hora ao grande tribuno, ao orador distinctissimo, ao impulsionador de grandes melhoramentos da sua patria, mas tambem accusador pertiuaz das innocentes Irmãs de caridade que vieram, a convite d'um grande rei, depor suas vidas no altar do sacrificio na occasião de nos invadir o flagello da febre amarella, e de mais a mais gran-mestre da maçonaria portugueza. Dizem muitos que estas duas ultimas qualidades, e não as primeiras, foram as que a patria, ou alguns mandões d'ella, quizeram realçar no parlamentar aveirense. Será assim? E', confirmam valentemente os que se prendem um pouco aos factos da logica o á logica dos factos.

Se foi por ter nobilitado a patria pela alta eloquencia, já houveramos de ter erigido padrões, dizem os taes, a João das Regras, a Jeronymo Osorio, a Phebo Moniz, a João Piuto Ribeiro, a Antonio Vieira, a José Agostinho de Macedo e a Silveira Malhão; qualquer d'estes nomes luz immensamente mais no campo da eloquencia que o heroe apothosado ha poucos dias.

Se foi por ter engrandecido o berço natal com um lyceu famoso, com a via ferrea, etc., não devêra tomar o gover-

no parte na festa, por que tudo isso foram erros politicos, fazendo reverter em favor d'uma localidade de 5.<sup>a</sup> ordem os beneficios que pertenciam ao bem geral da nação: demais, admitindo ainda o bem á patria, quantos nomes a posporem-se ao de José Estevão? Se começassemos a contar Egas Moniz, Martim Moniz, Soeiro Mendes, D. Fuaes Roupinho, Lourenço Viegas, Gonçalo Mendes da Maia, até alcançarmos a pleiade indefnida do periodo constitucional, que volumoso censo houveramos de elaborar antes que lobrigassemos o nomesinho de José Estevão!

Assim se exprimem os que, vendo os efeitos, costumam investigar as causas, sem se lembrarem que o positivismo, em cujo seculo estamos, as veio postergar, e que demais a mais as coisas, infelizmente, são como são, não como deveram ser.

*Festa do Sagrado Coração de Jesus em Souto.*—O 1.<sup>o</sup> do corrente foi para os moradores do Mosteiro de Souto, d'este concelho, um dia de festa consoladora, devida aos cuidados ininterruptos do dignissimo Prior, o Rev.<sup>mo</sup> Luiz Dias da Silva, cujo coração e bolsa andam sempre abertos a tudo quanto seja gloria de Deus e bem espiritual de seus parochianos. Depois d'um triduo de praticas, feito pelo nosso amigo o Rev. Padre José Joaquim da Silva Baccellar, a quem Deus multiplica as forças para as duras lides apostolicas, realizou-se a festividade que em todos deixou as mais gratas impressões.

A igreja de Souto possui um riquissimo altar, consagrado ao divino coração, cuja imagem é realmente um primor de escultura, deixando encantados a quantos gozam a dita de a contemplar.

Honra pois ao dignissimo Prior de Souto, director diocesano do Apostolado da Oração, por tão relevantes serviços em prol da causa sancta de Deus, e parabens aos parochianos pela ventura de tão amavel pastor.

N'um dos n.<sup>os</sup> seguintes publicaremos o hymno, expressamente feito para a solemnidade, sendo musica e letra obra de dois amigos do Rev.<sup>mo</sup> Prior.

*Feixe de noticias.*—Em Périgueux, na escola catholica de Saint-Jean, dirigida pelo Irmão Liry de Lacroix, apresentaram-se a exame 20 alumnos dos quaes 18 ficaram approvados.—No domingo, 4 do corrente, em Tours, os antigos discipulos dos Irmãos das Escolas Christãs, fizeram uma academia litteraria, cujo producto de entradas revertiria em favor das escolas catholicas. Resultou d'esta sympatica festa a quantia de 1900 francos (380\$000 réis) que foi applicada a tão humanitario destino.—O sr. Dufour, deputado honpar-

lista, vencido nas eleições do Conselho geral, escreveu ao sr. Constans, ministro do interior, «que durante as eleições havia sido continuamente seguido por um bando de homens, da mais ruim escoria, armados de chuchos e paus ferros, capitaneados por superintendentes do caminho de ferro. Que se outra vez lhe preparavam semelhante coação em seus direitos, faria voar os miolos a quem se animasse a praticar quejanla vilania.—Entre os grandes males provenientes da descrença, levada a muitos espiritos pelas más leituras, avulta o *crescendo* espantoso dos suicídios. Por cada milhão d'habitantes caem victimas d'este horrivel crime: na Saxonia 373; no Hanover, 300; na Dinamarca, 290; na Suissa, 220; na Noruega, 194; na Prussia, 181; na Austria, 174; na França, 150; na Hespanha, 18, em Portugal, 22; na Russia, 31; na Italia, 37; na Turquia, 40; na Inglaterra, 70; e na Belgica, 79. E fala-se em remedio para a morte? Sem as virtudes inspiradas pelo christianismo suicidar-se-ia a humanidade inteira.—Monsenhor Lavigerie, que esteve doente em Lucerna, restabeleceu-se por completo e está ao presente em Paris.—O castello de Meyerling, onde falleceu o infeliz archiduque Rodolpho, herdeiro da coroa d'Austria, vai, por ordem do imperador ser transformado em convento, devendo edificar-se uma capella no quarto do malogrado principe. Vão mui adeantadas as obras, esperando-se estejam concluidas em meado de outubro. Inspirada idéa foi a do imperador n'esta piedosa resolução: um logar de tão luvotado a ruinas, ou purificado pela presença perenne da Victima do calvario.

M. F. 6—Coimbra.

Editor — José Fructuoso da Fonseca

## VIDA POPULAR

DE

# S. VICENTE DE PAULO

PELO

## PADRE BERBIGUIER

CONEGO HONORARIO DE BORDEUS E ARCPRESTE DE LIBORNO

*Seguida d'uma breve noticia sobre o principio da Congregação da Missão em Portugal e da Novena e Induinha do Santo*

Traduzida do francez por M. FONSECA

OFFERECIDA E DEDICADA AO EX.<sup>mo</sup> E REV.<sup>mo</sup>

MONSENHOR VICENTE VANNUTELLI

*Arcebispo de Sardia*

*Dignissimo Nuncio Apostolico em Lisboa*

Com approvação do Eminentissimo Senhor Cardinal

BISPO DO PORTO

OBRA ILLUSTRADA COM O RETRATO DO SANTO

Preço . . . . . 400

A' VENDA:—Em Guimarães—Na livraria dos successores de Teixeira de Freitas, rua de S. Damazo.

## ANNUNCIOS

Vida e canticos  
de S. Francisco d'Assis

Preço 400 réis

Novena  
de S. Francisco d'Assis

Preço 100 réis

Editor, Rev. David Lopes dos Santos Valente.

Estes dois interessantes volumes, cujo producto liquido é destinado á fundação d'um convento de Carmelitas descalças em Portugal, merecem a attenção dos catholicos portuguezes por sua interessante doutrina e mais ainda pelo elevado destino a que está consagrada a receita por elles produzida.

*Pedidos com a respectiva importancia aos successores de Teixeira de Freitas—Guimarães.*

## Afirmações catholicas

CONTRA

OS ERROS D'UM APOSTATA

PELO

DR. LUIZ MARIA DA SILVA RAMOS

*Lente de Vespera da Faculdade de Theologia da Universidade de Coimbra*

Preço . . . . . 400 réis

Acaba de sahir á luz, esta interessantissima publicação, e encontra-se á venda na Typographia-Editora da «Ordem», devendo todos os pedidos ser dirigidos ao seu proprietario—José Joaquim dos Reis Leitão, rua do Norte, 6—Coimbra.